

60 ANOS DA RÁDIO SOCIEDADE CATARINENSE

A partir da criação do ministério das Comunicações, em 1967, dentro do Regime Militar, instrumentos de informação e comunicação que divulgavam fatos, comentários, opiniões contrárias ao comando da nação eram considerados subversivos.

O governo do General Arthur da Costa e Silva editou em 13 de dezembro de 1968 o ato institucional nº5 (AI5), que impôs censura à imprensa, limitando a programação radiofônica quase que exclusivamente à música.

Em meio a dificuldades econômicas por que passava Joaçaba nesse período, motivada pelo recrudescimento de algumas de suas culturas agrícolas como o trigo e o processo de desmembramento de muitos distritos como Água Doce e Ponte Serrada, a Rádio Catarinense, mais uma vez, procurou diversificar sua programação e modernizar sua estrutura, transferindo a sua sede para um local próximo à prefeitura de Joaçaba, mais especificamente no último andar do antigo prédio da Telesc, onde manteve por certo tempo o programa de auditório. A Catarinense começou a ser reconhecida pelos ouvintes da região através do lema “mesmo não sendo a maior, continua a ser a melhor”, (a Rádio Herval d’Oeste era do partido do governo, tinha mais potência, fato reconhecido pela Catarinense que, por outro lado, exaltava a superioridade de sua programação e de sua equipe).

Nessa época, as rádios, em sua maioria, assumiram as estruturas e características atuais. Os programas de auditório foram desaparecendo, dando lugar a programas de variedades, que conciliam gravações musicais, notícias, avisos, esportes, opinião e entretenimento, além de fragmentar a programação com esses mesmos setores, ganhando programas próprios.

Ao adotar o slogan “a líder em iniciativas”, aproximou-se ainda mais da comunidade. Buscando manter esse quadro, a Catarinense iniciou novos formatos de atrações em sintonia com as novas tendências do rádio no Brasil. A partir de 1965, as noites passaram a ser quase que exclusivamente movidas por programas musicais, como o “Catedráticos do Disco”. A repentina mudança, dando prioridade aos programas musicais, era um sintoma inegável do peso da mão do poder central que inibia manifestações que contrariasse seu domínio político.